DOSSIÊ “SONORA”

PUBLICAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE MULTIMEIOS, MÍDIA E COMUNICAÇÃO – DMM, DO INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP

Centenário de Osvaldo Moles

Antonio Adami

TRAJETÓRIA, VIDA E OBRA DE OSVALDO MOLES

Osvaldo Moles
Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti

1913 – 1967

Pioneiro profissional multimídia, atuou em diversas frentes na área da comunicação. Trabalhou na imprensa escrita, no cinema, na publicidade e consagrou-se no Rádio com uma série de inovações e a descoberta do talento de Adoniran Barbosa.

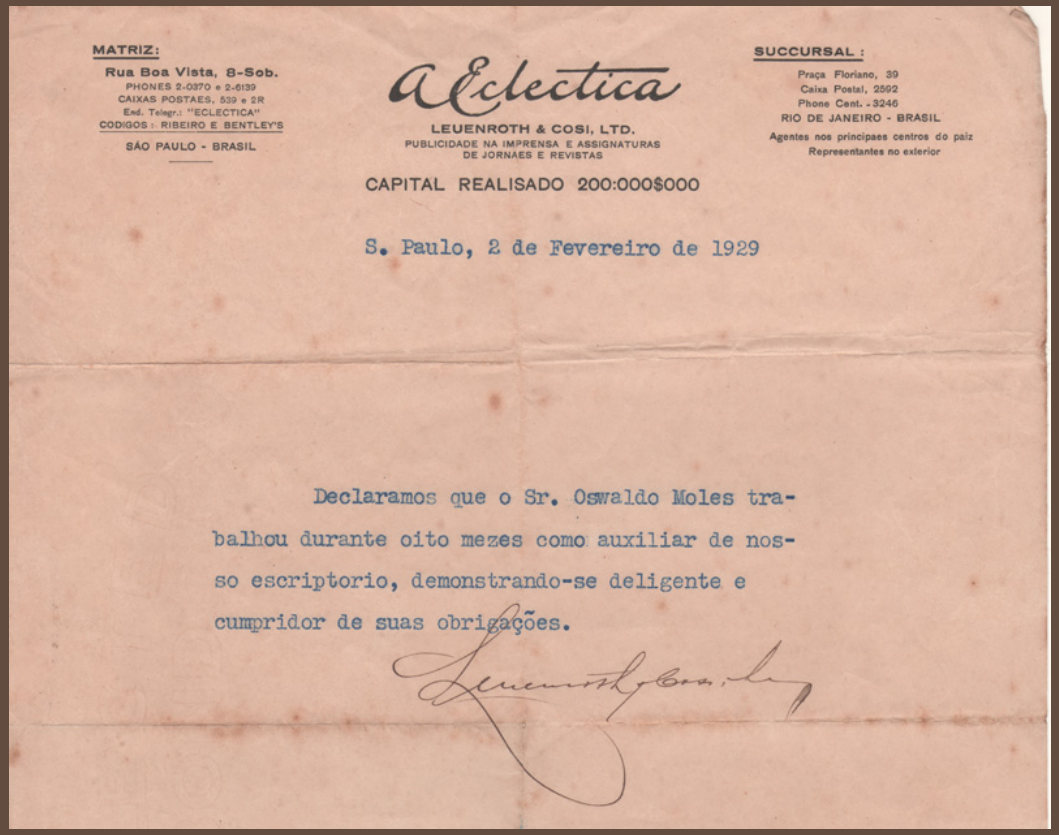
2013: Centenário de Nascimento de Osvaldo Moles

Documento de Identificação de Osvaldo Moles *Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti*

Nascido em 14 de março de 1913, filho de Antonio Moles e Emilia Prisco, Osvaldo Moles teve uma irmã, chamada Pascoalina Moles, porém pouco se sabe de sua família. Casado com Maria de Lourdes Ramos Ferri Moles, jornalista e pioneira critica de cinema, conhecida por Anita Ramos. A partir de Anita, com quem ele sempre esteve muito ligado, que demos os primeiros passos desta pesquisa.

Década de 1910

2013: Centenário de Nascimento de Osvaldo Moles



MATRIZ:
Rua Boa Vista, 8-Sob.
PHONES 2-0370 e 2-5139
CAIXAS POSTAES, 539 e 2R
End. Telegr.: "ECLECTICA"
CODIGOS: RIBEIRO E BENTLEY'S
SÃO PAULO - BRASIL

a Eclectica
LEUENROTH & COSI, LTD.
PUBLICIDADE NA IMPRENSA E ASSIGNATURAS DE JORNAES E REVISTAS

SUCCURSAL:
Praça Floriano, 39
Caixa Postal, 2592
Phone Cent. - 3246
RIO DE JANEIRO - BRASIL
Agentes nos principaes centros do paiz
Representantes no exterior

CAPITAL REALISADO 200:000$000

S. Paulo, 2 de Fevereiro de 1929

Declaramos que o Sr. Oswaldo Moles trabalhou durante oito mezes como auxiliar de nosso escriptorio, demonstrando-se deligente e cumpridor de suas obrigações.

Carta de Referência – *Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti*

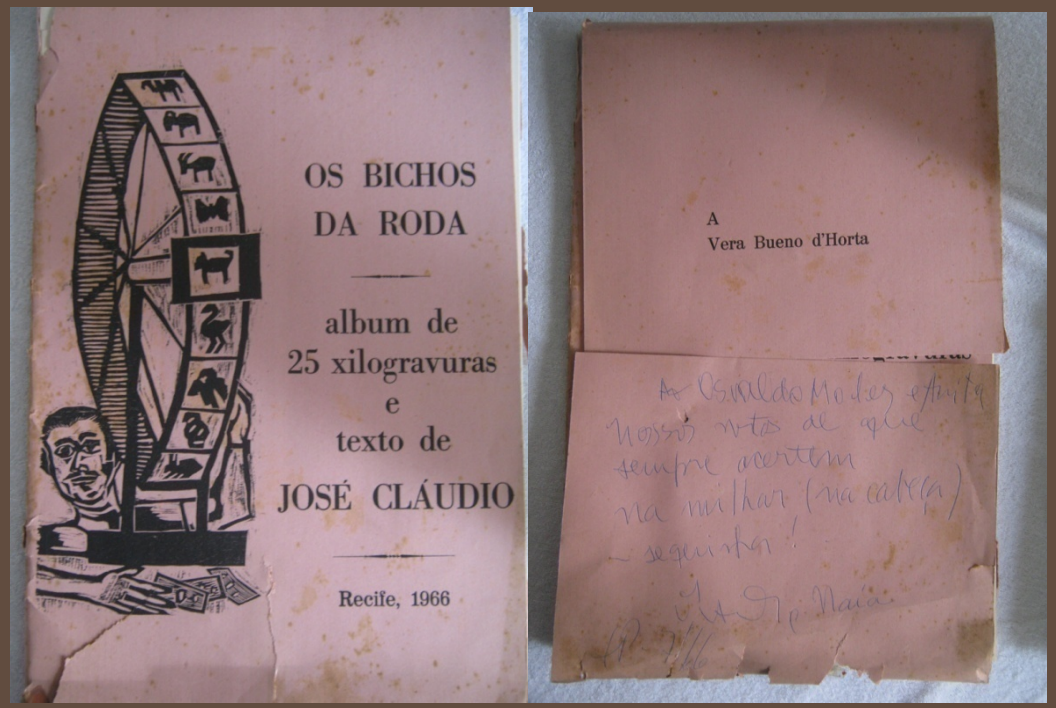
Ainda na infância muda-se para São Paulo e aos 16 anos começa a trabalhar na Eclectica, agência que vende assinaturas e publicidade de diversos jornais e revistas. Dentre os jornais, estava o Diário Nacional, onde seis meses depois, Moles segue para o seu segundo emprego.

Década de 1920

2013: Centenário de Nascimento de Osvaldo Moles

Foto dos livros Brás, Bexiga e Barra Funda e Piquenique Classe C
Fonte: Acervo Pessoal de Bruno Micheletti

O Diário Nacional era a voz do Partido Democrático (PD) e sua redação tinha nomes de peso do Movimento Modernista, tais como Mario de Andrade e Sérgio Milliet. António de Alcântara Machado também passou por esta redação e anos mais tarde, quando Osvaldo Moles lança seu livro "Piquenique Classe C", no ano de 1962, o jornalista Daniel Linguanoto, da Revista Manchete, escreve que Osvaldo Moles é o sucessor de António de Alcântara Machado, na literatura.



Álbum de xilogravuras com ilustrações publicadas no livro Piquenique Classe C
Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti

Trabalha na redação do São Paulo Jornal e segue em viagem para a Bahia, onde fixa residência na cidade de Salvador. Neste período existe uma série de datas e eventos que estão sendo investigados, entre outros, a sua participação na Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo. No nordeste escreve sobre a dura vida nordestina e ganha o Prêmio Cidade de Salvador. Trabalha no jornal O Estado da Bahia, que pertenceu aos Diários Associados, de Assis Chateaubriand.

Década de 1930

2013: Centenário de Nascimento de Osvaldo Moles

PÁGINA 4 ☐ O ESTADO DE S. PAULO — CADERNO 2 — DOMINGO, 20 DE JANEIRO DE 199

ESTILO

PERSONALIDADE/Livro

Josephine, a Vênus de Ébano que incendiou Paris

Espevitada, ela fugiu da dinastia de lavadeiras a que pertencia, rebolou muito, ficou nua e conseguiu provar ao mundo que black is beautiful, como estrela dos loucos anos 20

Sérgio Lhamas
Especial para o Estado

"J'ai deux amours
Mon pays et Paris.
Par eux toujours
Mon couer est ravi"

Era assim, numa selva tropical sofisticadíssima, que uma princesa africana apaixonada por um francês chorava as pitangas da dívida. Lá ou aqui? Em Paris, glamourosa ou tendo de ficar o resto da vida contando a macacada polar de galho em galho? Quando cantou isso em 1930, Josephine Baker, a Deusa de Ébano, já havia optado muito bem. Mix de bailarina atriz cantora, em pouco tempo, essa norte-americana da Louisiana se havia transformado na Madonna negra dos anos loucos. A Europa estava doidinha para saber como era o tal do "black is beautiful". E ela não estava ali para se fazer de rogada. Pelo menos é o que se deduz depois da leitura de **A Cleópatra do Jazz Josephine Baker e seu Tempo**, de Phyllis Rose, lançado recentemente pela Editora Rocco.

Josephine nunca soube dizer não. E, de sim em sim, ela fez muito mais que um simples pé-de-meia. Aproveitar as oportunidades sempre foi seu talento natural. Vinha de uma dinastia de lavadeiras: a mãe, a avó, a tia... Por um triz ela não acabou num tranqüilo tanque, lavando a roupa suja de alguma sinhá. Começou aos oito anos como babá e camareira, num mundo hostil. Explica-se: era negra numa sociedade branca; era clara demais numa casa de retintos; era espevitada demais para tirar o pó ou passar roupas. Até tentou, mas o casamento frustrado lhe deu a certeza de que o negócio era rebolar firme. Bandeou-se para Nova York e entrou para uma trupe negra. As peripécias que fez para ficar nela, até Deus duvida. E não podia voltar e enfrentar a mãe severa, que reclamava dela como um castigo e vivia se perguntando que mal fizera para merecer uma filha como aquela.

A negrinha era mesmo de morte. A rejeição de sua vida toda fez com que agarrasse o mundo. Adorava o palco desde criança, quando se enfeitava com as roupas velhas da avó. O que dirá então em 1925, quando tinha um pouco mais que a vaga da corista que adoecera, mas o consolo das plumas, dos veludos, dos dourados, cenários e luzes. Era meio desmiolada. Funcionava bem sozinha por incapacidade total de seguir a marcação com os outros. Debochada, foi isso que lhe garantiu o ganha-pão e já lhe deu notoriedade. Josephine Baker formava um misto de glamour e clown,

A sexualidade bem-humorada de Josephine Baker influenciou o comportamento da geração-jazz

Em 1935, no Ziegfeld Follies: bananas no lugar das plumas

pote de Bakerfix, a brilhantina dela. Havia perfumes, roupas e bonecas com a grife Josephine Baker. Como se pode ver, a primeira Xuxa do século não foi Hebe. Foi a negra Josephine. E do mesmo modo que hoje as suburbanas (e nem tanto) descoloirem o cabelo para ser loirinhas, as européias dos anos 20 queriam ser morenas. A síndrome do "ídolo de aço marrom e ouro", como dizia o artista Jean Cocteau, levou muitas branquelas a se lambuzar de óleo de nogueira. O bronzeamento se tornou in.

O comportamento da estrela pouco convencional deu uma guinada na maneira de ser e vestir. Tudo era mais informal, mais americano e até mais sexual. Aquela história da artista recebendo jornalistas de roupão, despreocupadamente, à vontade, é coisa dela. Josephine ria de sua própria imponência. Debochava de si mesma o tempo todo. Era um convite ao prazer do corpo, a uma sensualidade descompromissada, sem peias, sadia. Os costureiros a adoravam. Com Paul Poiret ela trocou figurinhas rapidamente, para depois brigar. Ele via nela o cabide ideal para os seus devaneios em vestidos. Mas não hesitou em processá-la quando esta lhe atracou uma soma de cinco mil francos de um total de 285 mil. É que processar a estrela deu a ele mais notoriedade. Outros famosos disputavam seu manequim. Balmain e Paquin se digladiavam para cobrir de luxo "Le Tumulte Noir", como também era conhecida.

Ela nunca tivera nada e já adoeava um cinquinho, agora rica, poderosa, badalada, não seguraria a franga. A galinácia foi-se para sempre, quilômetros à frente. Seu estilo extravagante se firmou. E ela, que não era boba nem nada, livre, leve e solta, sempre teve amantes. Do ajudante da copa a condes e banqueiros. Presentes nunca faltaram e Josephine sempre soube carregar os diamantes, as safiras e as esmeraldas. E também as peles, as sedas e os brocados. Sabia apreciar sapatos finos e exóticos, principalmente em couro de cobra. Aliás, fixação, seu nome era couro de cobra. As peles das serpentes estofavam até os bancos de seu carro. Suas roupas de show, do Folies Bergère, eram estupendas e antológicas.

Para os amantes do rap e da dissidência "M.C.Ham-

SERVIÇO

A Cleópatra do jazz Josephine Baker e seu tempo — De Phyllis Rose. A venda na Livraria Cultura (Av. Paulista, 2.073, loja 153, ☎ 285-4033, Saraiva (Rua Augusta, 2.843, ☎ 881-2477), Siciliano (Rua Dom José de Barros, 325, ☎ 222-2452) e Avião do Rei (Av. Gabriel Monteiro da Silva, 1.374, ☎ 883-1030). Preço: CR$ 6.000,00

O Estado de S. Paulo in Domingo, 20 de Janeiro de 1991
Fonte: Acervo do jornal O Estado de S. Paulo

Ainda no início da década de 1930, ele retorna para São Paulo onde passa a escrever, como repórter policial, para o Correio Paulistano. É na redação deste jornal que ele conhece Anita Ramos, sua futura esposa. Em 1937, ele muda de meio e faz sua estreia na PRG-2 Rádio Tupy de São Paulo, participando da inauguração e sendo o único redator da emissora na época. Na PRG-2 ele ganha o prêmio Cinquentenário R. Monteiro, com um programa especial que consegue reunir Josephine Baker com a orquestra Francisco Canaro e Pedro Vargas com a orquestra Rimac.

Década de 1930

2013: Centenário de Nascimento de Osvaldo Moles

Osvaldo Moles e Adoniran Barbosa *Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti*

Em 1941 ele cede aos insistentes convites de Octavio Gabus Mendes e muda de emissora. Com alto salário para a época, Osvaldo Moles passa a compor o *casting* da PRB-9 Rádio Record de São Paulo – "A Maior". Nesta emissora que ele descobre o potencial cômico de Adoniran Barbosa e cria dezenas de programas e personagens, que segundo a Revista It o consagraram como o "milionário criador de programas" e Adoniran Barbosa como o "Milionário criador de tipos cômicos".

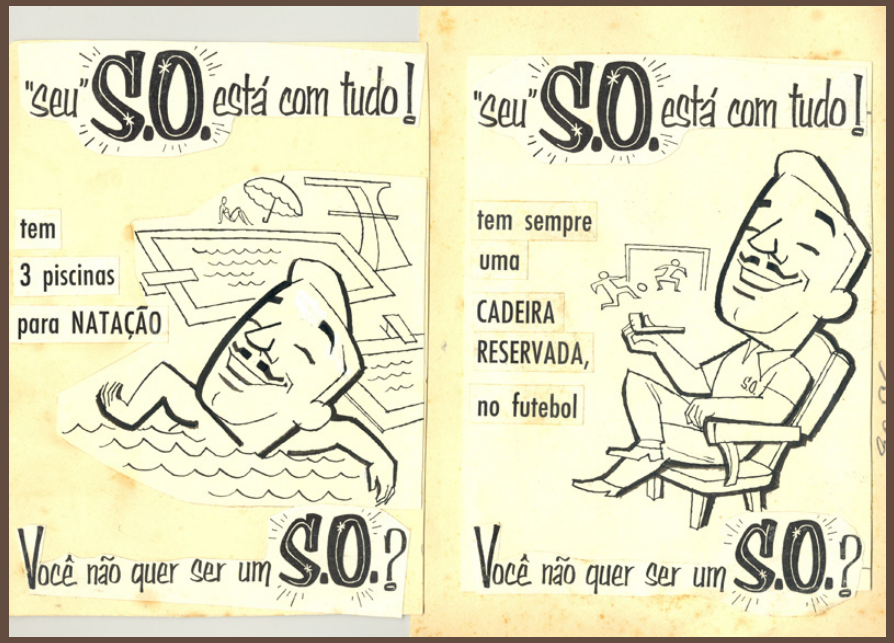
Máquina de escrever de Osvaldo Moles
Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti

Entre 1951 até 1955, Osvaldo Moles deixa a PRB-9 Rádio Record para trabalhar na PRH-9 Rádio Bandeirantes. Segundo entrevistas da época, Moles estava cansado de criar programas de cunho muito popular e só para manter audiência, também com a "falácia" de que o rádio era um veículo de "menor valor". Com liberdade de criação, Moles cria programas de alto padrão cultural na Bandeirantes. Entre esses programas estavam "História da Literatura Brasileira" e "Museu do Ipiranga". que contava com a supervisão dos dados históricos de Sérgio Buarque de Holanda, diretor do Museu Paulista na época.

No último ano em que trabalhou na PRH-9 Rádio Bandeirantes, Osvaldo Moles implantou o inovador sistema RB-55 que pela primeira vez no Brasil reunia as propagandas em blocos comerciais. O sistema logo foi copiado por todas as emissoras de rádio e televisão e é utilizado até hoje no país. Quando o sistema foi implementado, Osvaldo Moles, Julio Atlas e Henrique Lobo, eram os responsáveis pela criação dos comerciais e esta equipe contava com a orientação do psicólogo argentino, Carlos Pedregal, também conhecido como o professor Bascaran.

LP História das Malocas
Fonte: Anúncio para venda no site Mercado Livre

Em 1955, Osvaldo Moles retorna para a PRB-9 Rádio Record e cria o emblemático programa "História das Malocas" que foi adaptado para a televisão, mas sem o mesmo sucesso. O programa foi irradiado por uma década e chegou a render um LP com músicas compostas por Osvaldo Moles e Herve Cordovil, que eram cantadas por Estezinha de Souza.



Croquis publicitários originais – *Fonte: Acervo do Arquivo Histórico do S.P.F.C.*

Ainda na década de 1950, Osvaldo Moles, em sociedade com Mario Nadeu, funda a Morumbi Publicidade. Foi Osvaldo Moles quem criou toda a campanha para a venda das cadeiras cativas do Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Estádio do Morumbi). Segundo depoimento do ex Governador Laudo Natel – presidente do SPFC na época – sem esta verba, não seria possível a construção do Estádio.

Laudo Natel e jornalistas em visita as obras da Vila Olímpica na Cidade Universitária
Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti

Em 1962, Osvaldo Moles desenvolve a campanha de Laudo Natel para concorrer como Vice-Governador do Estado de São Paulo. Naquela época o voto para o vice era separado do voto para governador e Osvaldo Moles desenvolveu uma campanha que pode ser explicada a luz de conceitos de *marketing* político atual, que elegeu Laudo Natel com 1,2 milhões de votos, derrotando nomes fortes como o de Faria Lima. Também é neste ano que Osvaldo Moles lança o livro Piquenique Classe C.

Faleceu Osvaldo Moles

O radialista e jornalista Osvaldo Moles faleceu, aos 54 anos, sabado à noite, no Hospital das Clinicas, onde se encontrava hospitalizado há varias semanas. Deixa viuva a sra. Maria de Lurdes Ramos Moles e uma irmã solteira, Pascoalina Moles. Não tinha filhos. O enterro foi realizado às 16 horas de ontem, no cemiterio da Quarta Parada.

Osvaldo Moles iniciou sua carreira na Radio Tupi, ingressando posteriormente nas Emissoras Unidas, onde trabalhou até o fim da vida. Entre os programas mais famosos que escreveu estão "Historias da Maloca" e "Critica da Semana". Foi premiado 11 vezes com o "Roquete Pinto", alem de ter recebido os seguintes premios: "Governados do Estado", "Paulo Machado de Carvalho", "Saci", "Medalha de Ouro" da Revista do Radio, "Cidade de Salvador", "Governador de São Paulo", "Indio" e "Medalha do Merito Jornalistico".

Nota de Falecimento

Fonte: Acervo do jornal Folha de S. Paulo

Em 1967, Osvaldo Moles comete suicídio com um disparo de arma de fogo contra sua cabeça. No apartamento estavam apenas ele e sua esposa e o acontecimento gerou uma série de dúvidas e boatos que permeiam sua morte até hoje. Acreditamos que devido a este suicídio, Osvaldo Moles tenha praticamente "desaparecido" da mídia. Sua morte não foi noticiada, sendo que nos registros da época encontramos apenas uma nota no jornal Folha de S. Paulo, sem maiores explicações sobre o fato.

Década de 1960

2013: Centenário de Nascimento de Osvaldo Moles

Prêmios e troféus “Roquete Pinto” - *Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti*

Nossa pesquisa atual, tem como base o espólio de sua obra preservado por Beatriz Savonitti, sobrinha-neta de Moles. O acervo contém a maior parte dos troféus e prêmios conquistados por Osvaldo Moles, além de reportagens, peças publicitárias, contratos, recibos, documentos pessoais, roteiros originais e até os móveis e a máquina de escrever que ele utilizava em seu escritório.

Escrivaninha do escritório pessoal de Osvaldo Moles com máquina de escrever, prêmios e objetos pessoais do radialista
Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti

Também constituímos como fonte de dados, acervos de periódicos da época (Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo, Correio Paulistano, Revista do Rádio etc.) e entrevistas gravadas em vídeo com expressivas personalidades de nossa história, tais como Laudo Natel, Laert Natel, Antonio Rizzo, Jerson Ramos, Thereza Pastore, Zuza Homem de Mello, entre outros. A metodologia da História Oral é uma das formas de construir esta pesquisa, pois estamos resgatando a trajetória, a vida e a obra deste pioneiro do radio paulista e precursor profissional multimídia, que em março de 2013, o Brasil celebra 100 anos do seu nascimento.

Fontes da pesquisa

2013: Centenário de Nascimento de Osvaldo Moles